



Carta a uma colega e amiga Ou Um porquê para a Psicanálise em tempos de Covid



Amiga querida, sentada na minha varanda, tomando meu cafezinho no frescor da manhã, penso em você. Primeiro queria te agradecer por aceitar o caso que te encaminhei. Eu sabia, he he..., que ia ser a mão na luva. Nesses tempos difíceis, as luvas são tão necessárias para nos proteger e para evitar o hábito da constante mão no rosto, como que a lembrar de quem somos, e do que nos constitui. A mão tem uma atração toda especial pelo rosto, pela boca, que já preencheu com os dedos e que nunca a esqueceu. Ela ainda tem seu carinho pelo nariz que a chama em suas crises de incapacidade de expelir os poluentes da vida. Coça e esfrega as muitas partes do rosto que se reintegram e nos dão certo senso de sermos alguém. Existimos ao nos expressarmos com todos os músculos que usamos sorrindo, levantando as sobrancelhas ou então deixando a flacidez dominar e a gravidade agir quando consternados e abatidos. Mas não quero falar um do rosto e sim da mão e sua quase perfeita prótese, a luva. A luva nos lembra de que temos as mãos, preciosos instrumentos que desembaçam os olhos quando as lágrimas transbordam ou que as buscam, esfregando o olho ressecado e cansado da alma envelhecida pelos trancos de tristeza e morte, onde pousou o olhar. Essas mãos agora vazias de abraços e carinhos buscam o toque tão proibido.

A luva é aquele encaixe quase perfeito, mas que não é parte de nós embora nos toque. Ela é forte, elasticamente impermeável e através da consciência que induz das nossas mãos, não permite o permear das nossas bocas, narizes e olhos pelo vírus da Covid-19 e do desalento desorganizador. Ela se interpõe e coloca a necessária barreira perceptiva dessas mãos, que levamos a toda parte, descobrindo ao outro e a nós mesmos, instrumentos de criatividade e amor, para não se contaminarem de virulência, ódio e morte. Bem, quero escrever mais um pouco sobre isto, mas confesso que a caixinha do Whatsapp, que não é o melhor meio, foi a que se ofereceu neste momento.

A luva do bom psicanalista recobre a mão do paciente enquanto este vai integrando seu corpo com sua alma, se fortalecendo e aguardando os dias melhores sem Covid ou quando já tiver ultrapassado a necessidade desse envelope querido então incorporado, senão para sempre, até a próxima pandemia que torcemos e nos esforçamos que não exista mais.

Isso tudo para dizer que espero que não esqueça a boa luva que é na mão de muita gente. Como sabemos, luvas são essenciais em momentos em que a humanidade se curva diante do seu ser humano, o que implica numa vulnerabilidade ao invisível, desde os vírus de fora até outros replicadores de morte de dentro.

Querida, você e o que desperta em mim são fertilizantes do árido momento que vivemos! Bom dia!

Monica Aguiar, psicanalista, diretora científica da SBPRJ

19/04/2020